

FORTE DE SANTO ANTONIO DA BARRA



SÃO LUÍS - MARANHÃO

PESQUISA HISTÓRICA

*P*rojetado de Urbanização da Península da Ponta d'Areia, sob a responsabilidade da Secretaria de Estado de Infraestrutura do Maranhão (Sinfra), em cujo escopo foi considerado o aspecto cultural no interesse da preservação.

Desta forma, por iniciativa da mesma Secretaria foi viabilizada em 2015 a elaboração do Projeto de Diagnóstico de Arqueologia Interventiva do Forte de Santo Antônio da Barra cujos resultados estão a agregar elementos voltados para o conhecimento documentado da trajetória cronológica do território do entorno imediato e da própria fortificação, providências indispensáveis para conhecer e assegurar a preservação dos remanescentes do antigo edifício de defesa militar.

Ulisses Pernambucano de Melo Neto
Arqueólogo

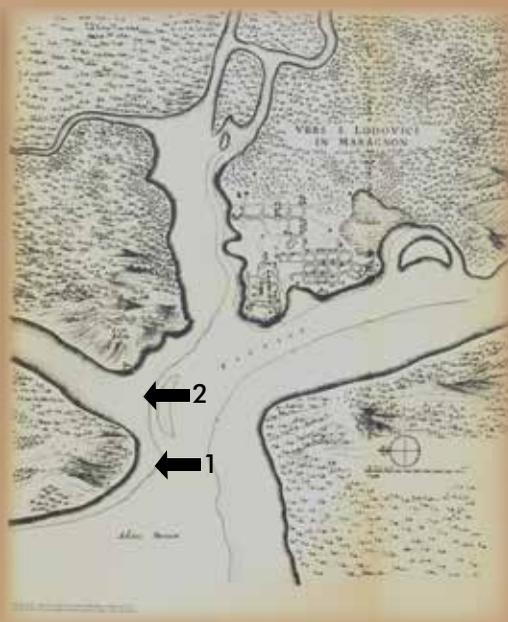
Imagem fotográfica do “Farolete Ponta da Areia” datada de 1953 ainda na antiga posição diante da fachada do aquartelamento principal da velha fortificação. Autor desconhecido. Seria esta a posição inicial após a instalação deste equipamento em 1884?





Detalhe do mapa *Demonstração do Maranhão até o Rio das Preguiças*, (sic) de João Teixeira Albernaz, o Moço (1627 – 1675) com destaque para a “caza de João Dias” na seta azul. (ADONIAS, 1993)

O topônimo *Ponta de João Dias* está, portanto, vinculado ao proprietário, morador ou possuidor de imóvel em algum ponto da Península, mas com grande importância visual de balizamento para reconhecimento do trecho da Baía de São Marcos.



Detalhe do *Mapa da Região e Planta da Cidade de São Luís do Maranhão, ocupada em 25 de novembro de 1641 por uma esquadra holandesa partida do Recife*.

A iconografia mostra o lugar da Ponta de João Dias (ponta d'Areia) desabitada (seta 1) e a entrada do Igarapé depois conhecido como *da Jansen*, (seta 2).

O LUGAR

Trata-se de pesquisa histórica focada no entorno e na fortificação que integrava, no passado, o ponto extremo da Península da Ponta d'Areia.

Um dos níveis (ou óticas) abordados é o da defesa e navegação costeira da Ilha de São Luís do Maranhão e nela o relevante papel dedicado à proteção do acesso ao porto.

No caso mais específico o foco incide sobre o Forte da Barra e a eleição do local de assentamento destinado à defesa militar, ação decisiva para a segurança do acesso ao fundeadouro da Cidade: o lugar designado “Ponta d'Areia” e historicamente, como de

João Dias, este justificado em função da proeminência e visibilidade de uma casa de habitação como marco e baliza do trecho da costa onde está o canal de ingresso ao porto, a qual mereceu destaque no mapa abaixo, certamente delineado na segunda metade do século XVII.

Observe-se que no documento referido há outros topônimos registrados, a exemplo dos fortes de São Francisco e o de São Felipe, ambos vocacionados para a defesa da área de fundeio. A denunciadora ausência de anotação acerca do Forte da Barra (naquela época) é fato importante no desenho da trajetória desse edifício militar.



Vista do Forte, data desconhecida



S. MARCOS

Detalhe do Mappa da Ilha de S. Luiz do Maranhão. Autor: Antônio Bernardino Pereira do Lago, 1820. – Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. A iconografia mostra o lugar da Ponta d'Areia com o Forte nomeado (seta 1) e a entrada do Garapé da Jansa [sic] (seta 2). Na seta 3, a Ponta de São Francisco. Na seta 4, São Marcos.



HISTÓRIA - O FORTE

A respeito da trajetória do Forte da Barra do Maranhão continue-se atento ao historiador maranhense Cesar Marques no seu Dicionário Histórico-geográfico da Província do Maranhão segundo o qual

Por Carta Régia de 8 de Outubro de 1691 consta que o Governador do Maranhão dera princípio a esta fortaleza, com muitas dificuldades devido à falta de engenheiro, pedreiros, índios de serviço, materiais e cal do Reino. O seu risco foi do Capitão Pedro de Azevedo Carneiro em 1692. A Régia de 17 de Fevereiro de 1693 participou ao Governador a remessa, de Portugal, de quatro pedreiros de alvenaria e cantaria para a continuação das obras da fortaleza, vencendo cada um o jornal de 500 réis.

O mesmo Marques refere que

a Câmara de São Luís, em carta de 18 de fevereiro de 1689, escrevia ao Governador dizendo: as obras da Fortaleza da Ponta de João Dias,

com as novas ordens de V. Sa., as largou por mão o Sargento-Mor Antônio de Barros Pereira, não sabemos se foi ordem de V. Sa., ou moto próprio, contudo ficamos de acordo em ir mandando carregar para ela [fortaleza] pedra para que esteja ao pé da obra [...]

No início do século XVIII, na Carta Régia de 30 de Julho de 1716, sobre o Forte de Santo Antônio da Barra, a Coroa portuguesa informa ao Governador e Capitão General do Maranhão, Cristóvão da Costa Freire que,

Como não era possível remediar a fortaleza da barra de São Luís, situada na ponta de João Dias, conforme o exame feito pelo Capitão-mor da praça, Provedor da Fazenda e Sargento-mor de Engenheiros Custódio Pereira, e que só fazendo-se de novo e de cantaria vinda do reino poderia durar, assim mesmo com dificuldade por causa da grande correnteza que ali faziam as águas, fosse tirando da dita fortaleza todas as armas e munições para se não perderem. (MARQUES, 1970)

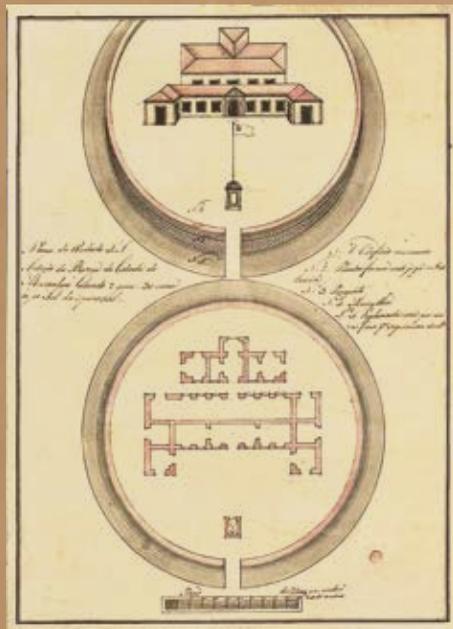


Na sequência cronológica do assunto convém lembrar documento transcrito nos Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará, cujo texto (de 1754) da autoria do governador do Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, relata que

Emquanto a Fortificação da Cidade de S. Luiz do Maranham e da sua Barra para se deffender a entrada desta me parece que reedificada a que se acha totalmente arruynada chamada da Ponta da Areya embarçará tanto qualquer embarcação que queira entrar naquelle Porto, que se lhe naó for impossível, lhe fará summamente defficultoso, [...] escreverey ao Governador que me informe sobre esta matéria, para poder então mais bem instroido, por na presença de V. Magestade o que achar a este respeito. V. Magestade mandara o que for servido. Pará 27 de Janeiro de 1754

César Marques (1970) insinua que “a obra ou foi abandonada ou mal feita, porque em 27 de fevereiro de 1755, o Governador Gonçalo Pereira Lobato e Souza informou

[...] que: „esta fortaleza se achava em grande parte abatida [...] quando formou-se destas mesmas ruínas um recife”.



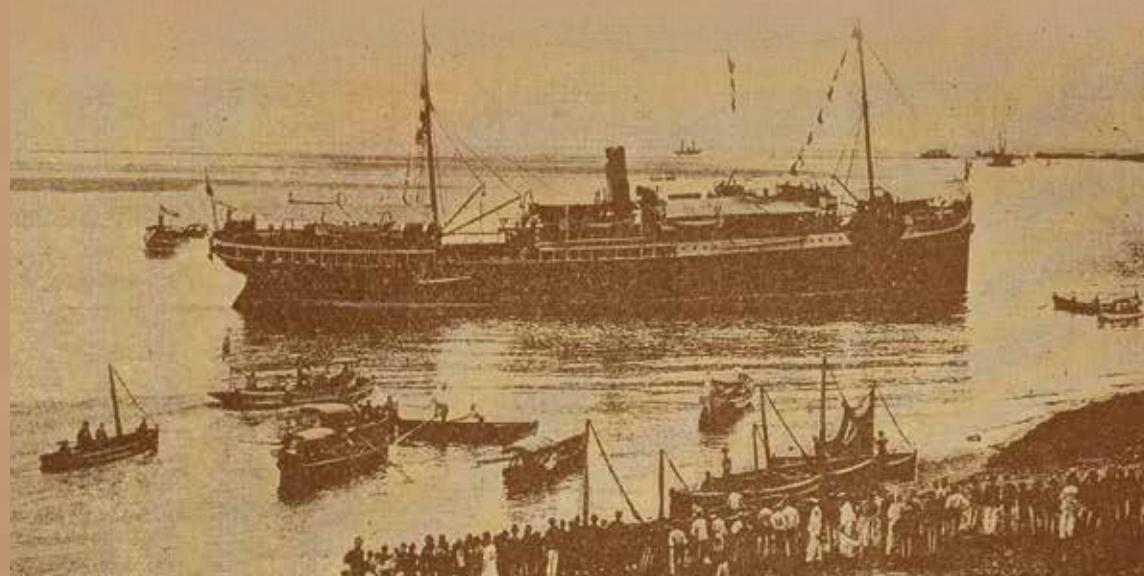
- 1 - Edifício mecânico
- 2 - Plantaforma onde joga a artilharia
- 3 - Parapeito
- 4 - Muralha
- 5 - Esplanada nova que se vai fazer para segurança da dita.

O método de erigir edificações em especial as que foram construídas dentro d’água ou muito próximas a ela - o engenheiro português Diogo da Sylveyra Velloso, radicado por mais de trinta anos em Pernambuco, ensinava em 1743 que “quando importe fundar a todo custo [um forte] dentro de algum pego, ou dentro do mar é então necessária outra indústria e mais tempo”.

Em seguida conclui o mesmo engenheiro, quem sabe se referindo

aos esforços para consolidação do edifício do Forte da Ponta d’Areia:

e ainda que este modo [de construir] pareça muito inconstante e incerto, como já se tem feito em várias partes, não se deve ter por obra perdida, ainda que no princípio se veja succeder alguns desmanchos e ruínas, mas deve-se ter constância e paciência, que estas e o trabalho tem vencido grandes dificuldades. (VELLOSO, 1743)





Flávio Dino
Governador do Estado do Maranhão

Diego Galdino
Secretário de Estado da Cultura e Turismo

SECTUR

